

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

A EDUCAÇÃO NESTE FIM DE SÉCULO

Moacir Gadotti

Em conversa com Paulo Freire

No dia 27 de abril de 1988 sobre o livro
“Convite à leitura de Paulo Freire” (Ed. Scipione)

Moacir Gadotti - Escrevi este livro com o intuito de resgatar a memória de um educador deste século. Tentei relacionar sua obra com a de outros educadores contemporâneos. Mas não se trata de uma preocupação apenas com a memória do passado; é também uma tentativa de construir uma **pedagogia para o futuro**, e acho que essa é a sua pedagogia. A orientação que seguimos é nos interrogarmos constantemente acerca do que podemos fazer, hoje, para deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos, dentro dessa perspectiva histórica, humana, em que situamos a educação.

Convidamos os professores que se formam agora no curso de segundo grau, alunos e alunas do curso de magistério ou dos cursos superiores de Pedagogia, Licenciatura e outros, a participar coletivamente da construção desse mundo solidário, um mundo que pode receber muitos nomes, mas que a gente, sem precisar nomeá-lo, já o vê como um mundo mais cheio de alegria, de amor, de vontade de viver.

Como é que você vê a contribuição do educador, hoje, para a construção dessa sociedade? Como deveria ser sua formação?

Paulo Freire - Eu gostaria de começar falando não só a você, mas, através de você, aos leitores e às leitoras deste livro bonito que você está concluindo. Eu gostaria de ter uma conversa com esses jovens que se formam, e que estão num processo de formação que deve ser permanente. Começaria dizendo a eles da satisfação de ter essa conversa através de você e, em segundo lugar, dizer que sua pergunta tem a ver com o que eu costumo chamar de "este fim de século", tomando essa expressão exatamente como algo que estamos vivendo já, e que vamos continuar a viver com intensidade, para poder criar, para poder construir o que ainda não está aí...

Acho que uma das boas coisas, Gadotti, que um jovem, uma jovem, um adulto, um homem velho, qualquer um de nós, tem como tarefa, tarefa histórica, é **assumir o seu tempo**, integrar-se, inserir-se no seu tempo. Para isso, porém, e mais uma vez, eu chamo a atenção dos moços que vão conversar comigo através de ti, para o fato de que a melhor maneira de alguém assumir seu tempo, e assim se assumir também, com lucidez, é entender a **história como possibilidade**.

O que eu quero dizer com isso? Em certo momento do seu texto, e eu só dei uma olhadela nele, tu te referes, sem necessariamente citar, a uma afirmação fundamental de Marx em que ele diz que o homem - e eu acrescentaria a mulher - faz a história; sim senhor, mas o homem faz a história a partir de uma realidade que ele encontra, e só a partir dela.

Quando eu digo a um moço: "Olha, para que tu assumas o teu tempo e te faças um homem ou uma mulher do teu tempo, tu tens primeiro que entender a história como possibilidade", o que eu quero dizer é que é absolutamente correto o que Marx disse. Peço desculpas aos jovens por estar dizendo que Marx estava correto, mas, como eu não sou escravo do pensamento de Marx, acho que de vez em quando preciso dizer que ele estava certo, ou que parece que não estava certo.

É absolutamente certo: o homem e a mulher fazem a história a partir de uma dada circunstância concreta, de uma estrutura que já existe no meio em que a gente chega. Mas esse tempo e esse espaço têm que ser um **tempo-espaço de possibilidade**, e não um tempo-espaço que nos determina mecanicamente.

O que eu quero dizer com isso é que, no momento em que entendo a história como possibilidade, também entendo sua impossibilidade. Descubro então que o futuro de que a gente fala é aquele a que tu te referes aí. O futuro não é um pré-dado.

Quando uma geração chega ao mundo, seu futuro não está predeterminado, preestabelecido. Por outro lado, o futuro não é também, por exemplo, a pura repetição de um presente de insatisfações. O futuro é algo que se vai dando, e esse "se vai dando" significa que o futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro; por isso, então, a história é **possibilidade e não determinação**.

Agora, se a história é essa possibilidade, se eu, então, me assumo no meu tempo, tenho que descobrir quais são as tarefas fundamentais desse tempo. E é isso que tu me perguntas agora: o que dizer a esses jovens?

Evidentemente que eu não poderia ter a pretensão de dizer a eles e a elas quais são suas tarefas, mas posso dizer-lhes o que eu tenho assumido como tarefa, e qual tem sido a tarefa da minha geração... Acho que a tarefa mais fundamental que a gente tem aí, neste fim de século, e cuja compreensão se antecipou em muito ao final deste século é a **tarefa da libertação**.

Veja bem, não é sequer a tarefa da liberdade. Eu acho, Gadotti, que a **liberdade é uma qualidade natural do ser humano**. Eu até diria, com mais radicalidade, que a liberdade faz parte da natureza da vida, seja ela animal, seja ela vegetal. A árvore que cresce, que se inclina procurando o sol, tem um movimento de liberdade, mas uma liberdade que está condicionada à sua espécie, a um impulso vital apenas, não é a liberdade de instinto de um cão.

Hoje, nós nos perguntamos sobre a tarefa de libertação enquanto restauração da liberdade, ou enquanto invenção de uma liberdade ainda não permitida. Então, eu acho que essa vem sendo uma tarefa permanente, histórica. Eu não diria que é a maior tarefa, ou a única, mas é a tarefa central a que as outras se juntarão. Acho fundamental que, compreendendo a história como possibilidade, o educador descubra a educação também como possibilidade, na medida em que a educação é profundamente histórica.

Quando a gente compreende educação como **possibilidade**, a gente descobre que a educação tem **limites**. E é exatamente porque é limitável, ou limitada ideológica, econômica, social, política e culturalmente, que ela tem eficácia. Então eu diria aos educadores que estão hoje com dezoito anos, e que, portanto, vão entrar no outro século no começo de sua vida criadora, que, mesmo reconhecendo que a educação no outro século não vai ser a chave da transformação do concreto para a recriação, a retomada da liberdade, mesmo que saibam que não é isso, estejam convencidos da eficácia da prática educativa como elemento fundamental no processo de resgate da liberdade.

Moacir Gadotti - Paulo, a geração que vem vindo, essa geração que tem hoje dezoito, vinte anos e que construirá a futura sociedade, viveu a infância sob a ditadura, sob a falta de liberdade. Ao se referir ao futuro como possibilidade, ela nos fala menos em categorias sociológicas e mais em categorias éticas e antropológicas. São categorias relacionadas com o **amor**, a **amizade**, a **transparência**, a **vontade política**.

A educação que está nascendo com essa juventude fala muito em **vida, singularidade, corpo**. O corpo passa a ser uma preocupação que é resgatada de forma progressista. Parece que a luta pela libertação, em algumas gerações passadas, não valorizava tanto o corpo das pessoas, era mais social. E de repente há alguma coisa de novo acontecendo, trazida por essa nova geração que quer fazer libertação com prazer, com amor, com o corpo. Como é que você vê isso, essa **revolução molecular**, na expressão de Felix Guattari, que hoje se quer fazer com o corpo?

Acho que sua pedagogia tem valorizado muito o singular, a pessoa, o indivíduo, nessa luta. Acho que, por isso, suas idéias são hoje ainda mais atuais do que no passado, por causa desse resgate da singularidade. Você valoriza a contribuição de cada um no processo de transformação da história. Gostaria que você comentasse um pouco isso.

Paulo Freire - Eu até pediria aos leitores e às leitoras um pouco de desculpas, pois o que eu vou dizer pode parecer pouco humilde, mas tem a ver exatamente com o comentário que você fez. Você disse, como analista que é, que sente que pelo menos algumas dessas idéias, ou o próprio espírito dessa pedagogia, estariam tendo receptividade até maior, hoje.

É verdade, eu estive nos Estados Unidos em dezembro e vi de novo que, por exemplo, não é por acaso que ali a *Pedagogia do oprimido* está na vigésima sétima edição e, em espanhol, na trigésima quinta. Essa coisa tem a ver com isso que tu dizias.

Tu fazes uma afirmação clara, tu aceitas, tu abraças um certo tipo de compreensão do mundo, de compreensão da luta. Está claro que tu não apenas simpatizas com essa compreensão em torno do corpo, mas tu também entendes essa compreensão, tu entendes o papel desse corpo.

Recentemente, eu vi, num exame de qualificação, como tu vibravas diante do trabalho da candidata com relação ao problema do corpo, salientando porém — e tu fizeste muito bem — que, afinal, **o corpo é o que eu faço**, quer dizer, o que eu faço, faz meu corpo.

O que eu acho fantástico nisso tudo é que, como o que eu faço é que faz com que meu corpo esteja sendo, meu corpo está sendo porque eu faço alguma coisa que pertence a ele. A importância do corpo, então, é indiscutível; o corpo atual memoriza a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo.

Nenhum de nós, nem tu, nem eu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque **o corpo também se constrói socialmente**. Mas acontece que ele tem uma importância enorme. E a sua importância tem a ver com um certo **sensualismo**.

Eu te confesso: não acredito em revolução que negue o amor, que coloque a questão do amor entre parênteses. Nisso eu sou guevariano, che-guevariano. **O amor e a revolução estão casados**. Há muito sensualismo, que o corpo guarda e explicita, ligado até mesmo à capacidade cognoscente.

Acho um absurdo afastar o ato rigoroso de saber o mundo da capacidade apaixonada de saber. Eu me apaixono não só pelo mundo, mas pelo próprio processo curioso de conhecer o mundo.

Paulo, o que tem sido transmitido aos jovens, sobretudo pelos meios de comunicação, é que ser revolucionário é ser sisudo, feio, chato, mofado. E essa a idéia de revolução que é transmitida, que revolucionário...

... faz amor de camisola.

Moacir Gadotti - Exatamente. Essa pedagogia que a gente quer construir com a juventude que vai fazer a pedagogia nova, com os jovens que, daqui a pouco, também vão escrever seus livros e construir uma pedagogia revolucionária, certamente não será uma pedagogia rançosa...

Paulo Freire - Pode até voltar a ser, mas não creio. Veja você, um homem como Georges Snyders, o grande educador francês que, para mim, é uma das melhores expressões de uma concepção séria da pedagogia neste fim de século. Ele é um socialista com clara opção marxista e com uma lealdade criadora ao pensamento marxista. Seu último livro, *La joie à l'école* (A alegria na escola), é um hino à alegria. O que ele faz é convidar o educador a fazer alegria através da educação. A escola que ele descreve, a escola dos sonhos dele, é uma escola saltitante. Mas, nem por isso, ela é menos séria. Em Snyders, isso seria um absurdo. Seria um absurdo imaginar que ele pudesse estar defendendo a falta de seriedade.

Concordo contigo. Essa mocidade que nos está lendo hoje não vai construir uma pedagogia da frouxidão, da licenciosidade. Mas acho que a tarefa da liberdade, a tarefa da libertação, a história como possibilidade, a compreensão do corpo consciente e sensual, cheio de vida, isso tudo exige necessariamente uma **pedagogia do contentamento**.

Me lembro agora, ao fazer esses comentários, que no ano passado, em junho, estive em Cuba participando de alguns seminários que me agradaram imensamente. Lá, conheci uma jovem professora de ética marxista da Universidade de Havana, que me deu um texto sobre o amor, escrito por ela, no qual o amor é discutido do ponto de vista ético-marxista. Ela submeteu seu texto aos jovens da Universidade de Havana, e me disse que essa juventude universitária cubana cobrava, no debate que teve com ela, a explicitação do amor: queriam liberdade para amar e amar para serem livres. Aos jovens, por exemplo, no

âmbito da relação amorosa, protestavam contra a carência, a falta de namoro por parte dos jovens masculinos. Elas cobravam um certo afeto, uma certa brincadeira afetiva, amorosa.

Então eu acho, Gadotti, que a **amorosidade**, a **afetividade**, não enfraquecem em nada, primeiro, a seriedade de estudar e produzir; segundo, não obstaculizam em nada a responsabilidade política e social. Eu tenho vivido minha vida amorosamente. Você faz um lindo comentário no final de seu livro sobre a experiência na qual me engajei recentemente, amando de novo.

Eu me lembro que quando eu tinha vinte e seis anos, conversando com Elza, numa noite de amor, fiz a ela uma pergunta que todos os maridos fazem cedo ou tarde: "Se eu morresse agora, tu casarias de novo?" Ela me disse: "De novo não, mas outra vez, sim". Nunca me esqueço das lições enormes que Elza me deu. Com aquela resposta, ela diminuiu pelo menos vinte por cento do meu machismo. Ela me disse: "Paulo, de novo seria contigo. Como não poderia ser, porque tu haverias morrido, então seria 'outra vez', com outro homem. O que eu não poderia, Paulo, era deixar de amar. Ama-se várias vezes, diferentemente".

Eu diria agora aos jovens que estão lendo o teu livro: "Sem a Elza, eu não teria a Nita. Mas sem Nita, eu não estaria vivo". Isso é amar. E o meu corpo amoroso. No momento em que, sem a Elza, eu optei por viver, eu não tinha outro caminho a não ser continuar amando.

Moacir Gadotti - O que eu vejo nessas suas colocações é que nós já estamos vivendo **a educação deste fim de século**, que é uma educação que cumpre sua tarefa essencial de reprodução e construção do saber, dentro de uma perspectiva nova. A escola tradicional insistia que só se aprende com esforço, através do castigo, apanhando.

Hoje, ao contrário, os jovens exigem charme e beleza, boniteza, integração entre o que eles estudam e sua vida. Revoltam-se contra o autoritarismo. Mas isso não é exatamente o que os gregos chamavam de *paidéia*, 'educação integral' e Marx de **educação omnilateral**.

No fundo, a construção da educação do futuro nos remete ao passado, a alguma coisa de original que ela tinha no começo. Só que, hoje, ela adquire uma conotação muito mais social do que na Grécia, onde era acentuadamente individualista. Ela está integrada hoje na construção alegre do coletivo.

Mas permita-me colocar-lhe outra questão: a escola que desejamos para nossos filhos e netos, e que desejamos para todos, não é apenas uma escola alegre, mas uma **escola pública popular, autônoma e socialista**. Esta é a escola dos nossos sonhos. Pode não se realizar total-mente, mas ela já está em construção, no interior da escola capitalista e elitista.

A escola pública que queremos construir não é uma extensão da **escola pública burguesa** para todos, porque a gente sabe que essa escola burguesa é elitista e, portanto, não pode se estender a todos. Por isso, a gente fala em escola pública popular, isto é, uma **escola para todos**, com uma gestão popular e uma nova qualidade. Como você vê o nascimento dessa escola hoje? Como você vê esse **novo emergindo do velho**?

Paulo Freire -Vejo isso como uma das curiosidades do tempo ou uma das razões de ser de certas curiosidades do tempo. Eu diria à juventude que está lendo este livro que, entregando-se à aventura dessa escola séria, rigorosa, alegre, jamais prescindia do **ato sério de estudar**, que jamais confunda essa alegria com a alegria fácil do não-fazer, que ela prove que a escola tradicional pecou aí também, não é preciso enrijecer as mesas mais do que a madeira já as faz endurecidas; não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr colarinho e gravata na criança para que ela, imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. Não. Mas, por outro lado, é preciso não afrouxar, para que a criança não se perca apenas no brinquedo, apenas em alegria.

Saber é um ato difícil, realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil, o **próprio processo de estudar se torna bonito**. Acho também que seria errado falar ao estudante que há uma compensação de alegria no ato de estudar. O importante é que a criança perceba que o **ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo**.

Moacir Gadotti - Justamente, Paulo, o que Georges Snyders fala em seu livro *La joie à l'école* é que não há uma separação entre o **cognitivo** e o **afetivo**. Ele demonstra que o educador deste final de

século, como estamos falando, é aquele que consegue realizar, na prática, essa unidade dialética, que o educador tradicional não consegue...

Paulo Freire - ... e que certas pedagogias novas também não conseguem porque exacerbam a alegria, a afetividade, em detrimento da cognitividade.

Moacir Gadotti - Eu acredito que a pedagogia tradicional não tinha condições de perceber esse fato, porque foi apenas no começo deste século que as ciências da educação se desenvolveram e mostraram o quanto o afetivo é determinante na construção do cognitivo.

A pedagogia tradicional não podia contar com as armas do conhecimento que só se desenvolveram a partir da pedagogia da Escola Nova: o ato de conhecer é tão natural quanto o ato de andar, de se alimentar, de amar etc. Por isso, ela dissociava o afetivo do cognitivo...

... e como dissociava, apelava demasiado para a disciplina. Na medida em que o ato de aprender tornou-se uma coisa mais ou menos fora do contexto habitual, era preciso disciplinar o aluno para que ele pudesse aprender. Evidentemente, mesmo sem dicotomizar, o ato de estudar exige desde que começa a ser experimentado, uma **disciplina** que faz parte dele, uma disciplina que o move e sem a qual o estudante não pode estudar. Porém essa disciplina não é, de jeito nenhum, uma disciplina que martiriza. É isso que precisa ficar claro.

Moacir Gadotti - Exatamente. O dilema da escola e da educação em geral tem sido este: o de articular organicamente, dialeticamente, liberdade e disciplina, liberdade e autoridade.

De um lado, a **escola tradicional** centra-se demasiadamente na disciplina. De outro, a **Escola Nova** centra-se demasiadamente na liberdade. Para além da escola tradicional e da Escola Nova, a **escola socialista** desponta como síntese superadora dessas duas grandes tendências da escola que antecedem o terceiro milênio, que queremos ver novo. Na escola socialista, liberdade e disciplina não se opõem de modo mecânico: elas estão unidas dialeticamente, isto é, através de uma união de opostos.

Paulo, uma última pergunta, um pouco pessoal: o que você tem vontade de fazer neste final de século? Quais são seus projetos para o presente e para o futuro?

Paulo Freire - Realmente você deveria fazer esta pergunta e vou te dar uma resposta simples embora não seja uma resposta brilhante. É uma resposta como eu, uma resposta que deve ser um testemunho para os moços e as moças de 16, de 20 anos, para quem você está escrevendo. Eu não sei muito bem o que te dizer sobre o que eu vou fazer, o que estou projetando, mas uma coisa eu deixarei claríssima, estou contente com a pergunta e a resposta é que o meu projeto não é me aposentar.

Faço 67 anos este ano, e neste fim de século, de cujo momento final eu espero participar — possivelmente até dando uma entrevista para um canal qualquer de televisão, tomando cachaça ou um bom vinho —, estarei engajado, tanto quanto hoje, numa pedagogia alegre, boêmia, como eu sou, tropical, uma pedagogia do riso, uma pedagogia da pergunta, da curiosidade, uma pedagogia do amanhã pelo hoje, uma pedagogia que acredita na possibilidade de transformação do mundo, que acredita na história como possibilidade.